

## **DISCURSOS E TENSÕES SOBRE O ENOBRECIMENTO E APROPRIAÇÕES DOS NEGROS NA FORTALEZA DE SÃO JOSÉ DE MACAPÁ**

Mônica do Nascimento Pessoa<sup>1</sup>

Raquel A.L.S. Venera<sup>2</sup>

**Resumo:** Esse artigo é parte do projeto de pesquisa em andamento intitulado “Discursos e tensões sobre o enobrecimento e apropriações dos negros na Fortaleza de São José de Macapá”, que pretende analisar os discursos das políticas de modernização e enobrecimento do entorno da Fortaleza de São José de Macapá-AP, percebendo as tensões sociais e culturais de apropriação pelos negros nesse espaço urbano, de modo a perceber como esse patrimônio se envolve no contexto da urbanização da cidade de Macapá e constrói mecanismos de pertencimento e preservação da memória coletiva, ao mesmo tempo em que se transforma em objeto de exclusão social. Nesse sentido, buscaremos observar como os sentidos de negritude aparecem e desaparecem nas políticas de modernização/enobrecimento do entorno dessa Fortaleza e, através das memórias dos negros, verificar algumas contradições que ocorreram com o processo de gentrificação do lugar, que antes era habitado por remanescentes africanos e hoje é conhecido como Parque do forte, o “lugar bonito”.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural, Memória, Políticas públicas, Enobrecimento, Exclusão Social.

Vivemos em um tempo de diferenças. Não que elas não existissem, mas é um tempo em que a população negra começa a problematizar a sua cor, seus direitos, com o surgimento de demandas, de leis contra o racismo, de políticas de inclusão como as cotas raciais nas universidades, que se colocam desafios para todos os campos da sociedade, no que toca as diferenças raciais, por isso a necessidade da discussão que envolve exclusão social, enobrecimento urbano e ressignificações do patrimônio, uma cadeia de temas que tomam novos sentidos na contemporaneidade. Destacamos nesse trabalho esse tempo em que a diferença racial é tomada como lance no jogo social, no campo político.

Diante disso, percebendo como essas diferenças no “olhar o outro” vem mudando no tempo, debateremos que tempos são estes, já que a história não segue uma linearidade, mas é

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura plena em História pela Universidade Vale do Acaraú, Pós-Graduada em Ensino de História e da cultura Afro-brasileira na UNINTER, Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade na UNIVILLE- Universidade da Região de Joinville. O presente artigo é parte da dissertação de mestrado, vinculado ao Projeto de Pesquisa “Abordagens discursivas de juventude no tempo presente: questões metodológicas nas análises de textos curriculares” em parceria com a UFRJ e UERJ, financiada pelo CNPq, no qual também é bolsista. E-mail: [menina-lilas@hotmail.com](mailto:menina-lilas@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora do Mestrado em Educação, MEDUC, e Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, MPCs, ambos da UNIVILLE, SC. É coordenadora do Núcleo Univille envolvido na Pesquisa “Abordagens discursivas de juventude no tempo presente: questões metodológicas nas análises de textos curriculares” e vice-líder do Grupo de Pesquisa Políticas e Práticas Educativas. Endereço eletrônico: [raquel.venera@univille.br](mailto:raquel.venera@univille.br)

sempre uma revisitação ao passado com uma questão de demanda do presente. Giorgio Agamben (2009) diz que “é como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse facho de sombra, adquirisse a capacidade de responder as trevas do agora”, então é nesse retorno ao passado que entendemos o nosso tempo, para criticá-lo e percebê-lo não como algo comum, mas de novas possibilidades, pois contemporâneo é aquele que “faz da fratura o lugar de um compromisso e de um encontro entre tempos e gerações” Agamben (2009), em que não adianta somente o entendimento, na prática este é para transformação e o respeito às diversidades.

Conhecer os problemas políticos e sociais que envolveram os remanescentes africanos que viviam, até a década de 1930 do século XX, ao redor da Fortaleza de São José é o objetivo desta pesquisa, relacionando-o com o patrimônio e discutindo o que está em jogo nas políticas públicas hoje, pois elas se relacionam com o patrimônio obedecendo muitas vezes à lógica da mídia, do turismo, das demandas imobiliárias, haja vista o enobrecimento urbano, que desterritorializa pessoas e vincula tudo e todos ao mercado, criando assim vazios de vida, de sociabilidades, onde antes haviam múltiplas funções.

É preciso compreender os discursos dos governos e suas agendas, quando se trata de políticas de inclusão para negros. Tais políticas demonstram uma viabilidade e uma forma de compensação aos negros pelo tempo de escravidão ou apenas um apaziguamento da situação negra no Brasil?

As políticas raciais cresceram, isso é evidente. Por outro lado, os censos do IBGE<sup>3</sup> demonstram uma mudança ínfima na vida das pessoas negras, a cor ainda interfere no mercado de trabalho, nas universidades e nas relações sociais como um todo. Por exemplo, as pesquisas realizadas nos estados da Paraíba, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Distrito Federal sobre a Distribuição percentual por influência da cor ou raça na vida das pessoas, demonstrou que 50% ou mais dos entrevistados acreditam que a cor pode influenciar nos diversos setores da sociedade.

Diante dessas questões, esse artigo está assim organizado: no primeiro momento, apresentamos uma breve descrição acerca da questão elaborada sobre o Patrimônio Cultural e os sentidos de negritude, pensando o monumento como uma espécie de relíquia, capaz de reavivar uma história, a história da escravidão. Em seguida faremos um breve panorama histórico da Fortaleza de São José, mencionando as tensões que ocorreram durante as políticas governamentais do Estado novo que excluiu os negros do seu entorno. Por fim, apontaremos o

---

<sup>3</sup> Ver Características Étnico-raciais da população: Um estudo das categorias de cor ou raça/2008.IBGE

andamento da pesquisa, enfatizando as metodologias utilizadas, dentre elas a análise do discurso, como uma possibilidade teórica de compreensão dos discursos das políticas públicas para negros e os sentidos de negritude que estão postos a funcionar nessa arena.

### **O Patrimônio Cultural da Fortaleza de São José de Macapá e as questões sobre o significado de negritude**

Os discursos e tensões construídos a partir de alguns momentos na História da Fortaleza de São José de Macapá nos faz perceber como esse patrimônio se envolve no contexto da cidade de Macapá<sup>4</sup>, principalmente no período do Estado Novo no governo de Getúlio Vargas (1937-1945), quando surgiram políticas em todo o Brasil, com a política de reestruturar o país, tendo o objetivo de “regenerar” a sociedade, com diversos planos de modernização. Essa política em Macapá excluiu os negros do entorno da Fortaleza, dando novos usos e sentidos de negritude nos dias atuais, com algumas tensões: um momento em que os negros se apropriam de um lugar que eles têm como seu, como formas de vida cotidiana e símbolo de sua identidade; e em outro, tendo uma cultura negra lembrada apenas em momentos de festas. São dois momentos percebidos para compreender como os sentidos de negritude aparecem, desaparecem e se deslocam nas políticas de modernização e enobrecimento, em especial do enobrecimento do parque do Forte, o “lugar bonito”, construído em 2006, com uma arquitetura paisagística, dando novas formas, usos e sentidos à Fortaleza de São José de Macapá, ficando no seu entorno, transformando o lugar no mais importante ponto turístico da cidade. Segundo Leite (2009) “O termo enobrecimento vem sendo utilizado para designar diferentes formas de intervenção urbana, que variam dos processos de “regeneração”, “reabilitação” ou “revitalização” de áreas ou sítios patrimoniais de alto valor histórico.”

A cidade de Macapá foi construída sob algumas tensões sociais que se chocam com a História negra, quando o então Governador da época Janary Nunes, nomeado por Getúlio Vargas para governar no período de 1944 a 1956, no intuito de tornar o que é hoje a orla da cidade em um cartão postal, retirou as pessoas que eram em sua maioria negros remanescentes da Guiné Portuguesa, que vieram para a construção desse monumento, acabando por habitar os seus arredores, se apropriando com suas moradias. Diante disso, confirma Videira (2009), percebemos que

---

<sup>4</sup> Capital do Estado do Amapá, fica na região norte do Brasil, com uma população de 680 mil habitantes, segundo dados do IBGE/2011 (Indicadores demográficos).

as negociações para o remanejamento tiveram início após a chegada do capitão Janary Nunes à cidade de Macapá em 25 de janeiro de 1944. Na oportunidade, Janary deparou-se com “um núcleo urbano de 1.286 habitantes, vivendo sem qualquer infraestrutura mínima” (SANTOS, 1998, p. 28-29). A comunidade vivia sob a mais absoluta situação de isolamento e em total situação de dependência geográfica, política e econômica do governo do Pará. Diante desta situação de desolação da cidade, uma série de modificações estruturais ocorreram rapidamente, entre essas, a urbanização de Macapá.

Observaremos como o Monumento constrói mecanismos de pertencimento e preservação da memória coletiva, ao mesmo tempo em que se transforma em objeto de exclusão social do entorno da Fortaleza de São José de Macapá. Analisaremos como a formação da cidade de Macapá com a presença desse monumento, foi tecendo a cultura amapaense, na elaboração de uma identidade negra, perceptível na alimentação, danças, religiões e na presença de quilombos, cheios de representações afrodescendentes, mantendo tradições apesar das pressões da cultura contemporânea e das novas formas de perceber o negro na sociedade, onde somente em dias festivos é lembrado. Cunha Jr (2001) *apud* Videira (2009) expressa que afrodescendência é “o reconhecimento da existência de uma etnia de descendência africana. Esta etnia tem como base comum dos membros do grupo as diversas etnias e nações de origens africanas e o desenvolvimento histórico dessas nos limites condicionantes dos sistemas predominantes de escravismo criminoso e capitalismo racista”.

Ao mesmo tempo para entender como os sentidos de “ser negro” se constroem nos dois momentos históricos distintos – os enobrecimentos da Fortaleza tanto no Estado Novo quanto em 2006 com a construção do “Lugar Bonito” – e, como os negros se apropriaram ou não deste espaço, se constituindo num contexto de produção de sentidos. No tempo presente, em um determinado momento no qual ocorre uma explosão de políticas públicas de inclusão para negros, com o objetivo de afirmar uma afrodescendência, e, ao mesmo tempo em que as políticas públicas para a juventude fomentam obras como parques esportivos e espaços urbanos de sociabilidades, é fundamental manter algumas indagações: Qual o porquê dessas políticas agora, nesse tempo? Quais os interesses e mudanças que surgiram transformando a maneira de significar o negro no Brasil?

Os negros foram excluídos dessas políticas de modernização e enobrecimento do entorno desse espaço urbano e foram ocupando espaços distantes do Parque do Forte, ou “lugar bonito”, como é conhecido hoje, por ser um ponto turístico, funcionando como um ponto de encontro de turistas, e gente de todas as idades, mas sendo apropriado hoje, principalmente, pela juventude amapaense.

Assim, veremos como os sentidos de negritude aparecem nas políticas de modernização/enobrecimento do entorno da Fortaleza de São José de Macapá, com levantamento das fontes iconográficas de antes e depois da retirada dos negros do entorno da Fortaleza de São José, para observar as mudanças no espaço, tanto físico quanto nas suas novas apropriações.

Aimé Cézaire, (1987, p.34) o inventor da palavra, diz que

a negritude, aos meus olhos, não é uma filosofia. A Negritude não é uma metafísica. A Negritude não é uma pretenciosa concepção do universo. É uma maneira de viver a história dentro da história; a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular, com suas deportações de populações, seus deslocamentos de homens de um continente a outro, suas lembranças distantes, seus restos de culturas assassinadas.

Esse termo Negritude, criado por Cézaire em 1938, surge para dar importância às coisas dos negros, em suas histórias de lutas por espaço, reconhecimento e, principalmente valorização social, oportunidades e igualdades.

Iremos investigar também as políticas públicas para negros que estavam disponíveis durante a construção do lugar bonito, interpretando os sentidos de memória e identidade. Através das fontes orais, resgataremos as memórias dos negros que viveram no período da modernização ao redor da Fortaleza de São José de Macapá, trazendo à tona iniciativas de discussões em torno da questão racial no Amapá.

### **A História da Fortaleza de São José de Macapá e suas contribuições na formação da Identidade cultural Amapaense**

Nos maiores objetivos das grandes navegações que ocorrem nos séculos XV a XVII estavam o aumento dos territórios lusitanos, a fim de lhes garantir riquezas e fortalecimento da religião católica. A Amazônia entra nesse contexto a partir da construção da Fortaleza de São José de Macapá, juntamente com a construção de outros Fortes, que a princípio garantiria o domínio Português sobre a região com características militares, e mais tarde, se tornaria um símbolo de onipotência, marcando a fundação da História da cidade de Macapá.

Capital do Estado do Amapá, no extremo norte do Brasil, origina as suas primeiras vilas, consolidando uma identidade cultural muito forte, aos moldes africanos. São religiões sincréticas, danças típicas dos escravos africanos e outras representações derivadas das misturas culturais desse período, apesar da tentativa da imprensa oficial de não valorizar a presença negra em alguns

momentos na História Amapaense.

A Fortaleza de São José de Macapá foi construída em 1782, um projeto português pensado para demarcar os territórios de Portugal, para que países inimigos, como França e Espanha não os dominassem. Sua mão de obra foi negra e indígena. Marcos Albuquerque revela que

[...] a edificação do forte, foi um projeto gestado a partir da preocupação do Governo Português em preservar seus domínios, garantindo a exploração e o comércio dos produtos da região amazônica. As práticas de pirataria e as constantes invasões dos estrangeiros construindo fortificações, escravizando índios, praticando escambo e explorando riquezas, constituía em prejuízo para a metrópole (2001, p.33).

Os primeiros negros que cruzaram o Rio Amazonas foram os negros da Guiné Portuguesa, como resultado de todo empreendimento Português em busca de mão-de-obra a custo zero. Esses negros trouxeram em suas bagagens suas personalidades africanas: o candomblé, o batuque, a capoeira e o Marabaixo<sup>5</sup>, que possuem diversas características que se fixaram no Amapá, e deram vida e novos significados à sua cultura. Albuquerque (2007) revela a trajetória dos negros em Macapá, afirmando que

os negros chegaram ao Amapá no início da ocupação da região, no ano de 1751, como escravos de famílias provenientes do Rio de Janeiro, de Pernambuco, da Bahia e do Maranhão. Outros vieram da Guiné Portuguesa e trabalhavam na cultura do arroz. No entanto, o maior contingente veio a partir de 1765 para a construção da Fortaleza de São José de Macapá, durante o governo do Grão-Pará. Muitos desses negros escravos morreram de doenças como sarampo e malária, ou ainda em decorrência de acidentes de trabalho

Esses negros foram escravizados e deram significados à Fortaleza de São José, hoje símbolo da cultura africana e da colonização brasileira. Alguns jornais antigos demonstram que a História dos grandes heróis, tão condenada por pensadores da história das mentalidades, já faziam parte da historiografia amapaense e reconheciam os Portugueses como heróis na construção desse monumento e de uma nacionalidade. Esse pensamento, que surge no período da Revolução Francesa, de patriotismo, enaltecimento das figuras célebres e dos heróis, que alimentaram e alimentam o positivismo, demonstram as falhas da escrita da História e revela o papel do historiador diante dos documentos, dos discursos, de sua criticidade perante uma "verdade", ou apenas sua absorção.

---

<sup>5</sup> Dança dramático religiosa de cortejo afrodescendente que está inserida na definição de dança afro por representar a história e a cultura afro-amapaense, fortemente guardada na memória do negro amapaense que consegue fazer sua ligação entre sua história individual/coletiva e a do Estado do Amapá desde sua ocupação (VIDEIRA, 2009).

a Fortaleza de Macapá, além de grandemente emocionar, entusiasmo e exalta o patriotismo e alimenta o orgulho racial. [...] Um povo que soube descobrir e que fez mais, soube defender e preservar a unidade de uma pátria tamanha. Foi realmente um grande povo. A Fortaleza de Macapá é uma relíquia histórica, é uma sombra luminosa do passado, no fim remoto do norte pátrio, ainda tem grandeza bastante para se projetar sobre a nação inteira, como exemplo de valor pessoa, da dignidade do soldado, no heroísmo da gente do Brasil (NASCIMENTO 1953 *apud* MACHADO 2001, p.96).

O monumento, como um artefato, cria significados à cidade, a cultura não surge do nada, existe uma história, relações intrínsecas do patrimônio com a cidade e vice-versa. As representações sociais, que se constroem no dia-a-dia do fazer humano, a partir de uma referência, em que nesse caso seria a Fortaleza de São José de Macapá, são representações sociais e “dão conta da complexidade da imagem (imaginário, imaginação), incorporando também outras categorias, como mentalidades, ideologias, valores, expectativas e suportes como os da identidade e da memória” MENEZES (2003).

Todo patrimônio histórico carrega em suas estruturas um pouco da sociedade que viveu ao redor dele, guardam consigo as trajetórias de povos, culturas, modos de pensar e viver que ficam armazenadas na memória, livros e documentos. Geralmente esses documentos seguem um interesse, possuem uma voz que valoriza ou renega uma História, onde é “no processo de luta é que se forja a identidade social das classes populares, e não pela difusão dogmática de qualquer doutrina” (VAINFAS (1997).

O interesse em ocultar um acontecimento ou pessoas, e a tentativa de apagar a História dos negros, assim como das mulheres, dos homossexuais, e outros excluídos da História, coloca mais distante a memória do que já passou em nosso presente, como afirma Chagas (2011, p. 18)

O poder em exercício empurra a memória para o passado, subordinando-a a uma concepção de mundo, mas como é um não-lugar e o seu esquecimento é necessário, as possibilidades de insubordinação não são destruídas. O tesouro perdido não está no passado, está perdido no presente, mas importa lembrar (ou não esquecer) que ele pode surgir abruptamente incendiando os vivos.

Assim, o passado da Fortaleza de São José nos remete ao início da formação da identidade afro-amapaense, e também aos processos de exclusão social e racismo, onde foram criando formas de resistência e sobrevivência, a partir da formação de quilombos e africanidades. As africanidades têm uma preocupação com o Brasil, sem a necessidade de ser uma contraposição ao eurocentrismo. Elas procuram compreender a dinâmica de base africana

no universo do escravismo e do capitalismo racista brasileiro

Essa exclusão começa quando o então governador do antigo Território Federal Janary Nunes (1944-1955), em sua política de “embelezamento” da cidade de Macapá, transfere os negros que habitavam a frente da cidade, para um lugar conhecido como favela, hoje chamado de bairro do laguinho e também para Quilombos como o Curiaú. Videira (2009) relata que

o primeiro governador do Território do Amapá, convenceu afrodescendentes que habitavam a região central da cidade, ao redor da praça Barão do Rio Branco, próximo à margem do rio Amazonas, a deixar a área, considerada nobre, para dar lugar a prédios públicos e a moradias para o funcionalismo público, além da residência oficial do governador.

Sabendo que as relações sociais de um passado estão reveladas nos documentos, e o poder pode criar várias versões dos fatos, vemos a exclusão de pessoas, novos significados, e a transformação de mentiras em verdades absolutas. O documento, como afirma Le Goff (1992), “não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”, reafirmando que o poder esmaga as realidades culturais, religiosas e políticas, por um interesse maior, mais individual do que coletiva.

### **Enobrecimento Urbano: “O lugar bonito”**

Na Fortaleza de São José, percebemos um processo de enobrecimento do seu entorno, de um lugar, havendo a exclusão de pessoas no passado, sendo removidas de suas casas pelo fato de serem negras e pobres. Será que essa política passou por cima dos anseios dessas pessoas? Alguns enobrecimento tem essa característica de “não levar em conta as aspirações, as visões de mundo, construídas no curso da vida cotidiana, as representações sobre o patrimônio e os lugares simbólicos através dos quais constroem suas múltiplas identidades” LEITE (2009)

Hoje, o espaço da Fortaleza de São José, com o Parque do Forte ou “lugar bonito”, ganha novos significados, novos personagens que o ocupam, e não mais o povo negro com suas representações. Estes estão nos quilombos e nos bairros distantes do centro da cidade, e são lembrados em suas datas comemorativas. Todos sabem da existência de uma cultura negra que é tradicional e popular. Pedro Paulo Funari (2008, p.40) expressa que tradição

é o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressadas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente correspondem às



expectativas da comunidade como expressão de uma identidade cultural e social; as normas e os valores se transmite oralmente, por repetição ou de outras maneiras.

Na contemporaneidade, as pessoas se utilizam do espaço da Fortaleza de São José à sua maneira, com novas linguagens, novas percepções, em que mesmo as escolas não estão dando conta, no que toca a construção de uma educação com mecanismos interdisciplinares de respeito ao Patrimônio e à diversidade. Esse patrimônio foi palco de algumas tensões culturais e acima de tudo sociais, que mudaram os rumos da cultura amapaense, fortalecendo suas bases, criando uma espécie de “nichos culturais”. A seguir, a letra da música do Marabaixo, expressando o ato excludente dos negros à época das mudanças na paisagem dos arredores da Fortaleza.

Aonde tu vai rapaz, por esses caminhos sozinho, vou fazer minha morada, lá nos campos do Laguinho. (...) A avenida Getúlio Vargas, Ta ficando que é um primô, As casas que foram feitas, Foi só pra morar doutô. (...) Eu cheguei na tua casa, perguntei como passou, Rapaz eu não tenho casa, tu me dá um armador (Videira, p.152).

Essa letra reflete o racismo do então Governador, que possuía formação militar e totalmente xenofóbica, que seguindo uma política nacional, mostrou sua face mais cruel, repelindo direitos de vez e voz, demonstrando um desrespeito com aquele povo, pois “a valorização não pode ser desvincilhada da eclosão das reivindicações do reconhecimento do valor de identidades sociais” Funari (2008), ou seja, os anseios de uma sociedade devem estar em primeiro lugar, e não somente um projeto arquitetônico voltado apenas para o “embelezamento” de um lugar.

Essas relações sociais que se deram no tempo do primeiro enobrecimento vão revelar novos olhares e sentidos à cultura negra, transformadas com o tempo nos discursos que foram utilizados a época, seja de dominação ou de libertação. Chauí (2001) reflete que

as ideias ou representações tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia. Por seu intermédio, os dominantes legitimam as condições sociais de exploração e de dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas.

Essa pesquisa toma a Análise do Discurso, AD, como ferramenta de pesquisa buscando os sentidos e versões discursivas para a exclusão dos negros com a urbanização da

cidade de Macapá através de jornais antigos e fotografias, pois no passado eles não tiveram voz nas imposições do governo, daí a importância de se olhar todas as versões dos acontecimentos, uma forma de “buscar os sentidos não ditos, dentro da complexidade das relações sociais” Venera (2012), enxergando nas minúcias, nas entrelinhas dos valores e das intenções subjacentes, pois os monumentos e documentos são mais do que aparentam ser. Venera (2012) reflete também, que o texto é capaz de materializar uma realidade, então essa exterioridade nos faz perceber a condição de produção e os sujeitos que estão envolvidos numa relação de forças.

É um poder que se instala, que como afirma Michel Foucault (2012) “é um afrontamento, relação de força, situação estratégica [...] Ele se exerce, se disputa. E não é uma relação unívoca, unilateral; nessa disputa ou se ganha ou se perde”. Foi o que vimos nas ações do governo com a retirada dos negros do entorno da Fortaleza. Em que contexto isso ocorre? Qual o olhar aos negros naquele período no que toca as políticas públicas? Qual as suas opiniões hoje em torno desse passado? Serão as indagações levantadas na pesquisa em questão.

## **REFERÊNCIAS**

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- ALBUQUERQUE, Marcos. **Revista Da Cultura**. Arqueologia da Fortaleza de São José de Macapá. Ano VIII, n.14.
- CÉZAIRE, Aimé. **Africanidades e educação inclusiva**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- CHAGAS, Mário de Souza. **Memória e poder: dois movimentos**. Estudos Avançados de Museologia, 2011.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos ; 13).
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2º Ed. São Paulo, Unicamp, 1992.
- LEITE, Rogério Proença. **Cidades e enobrecimento urbano no Brasil e em Portugal**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.25 n°72, 1-17, Fev. 2010.
- MENEZES, Ulpiano Toledo. **Museu e Cidades**. Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro, 2003.

MACHADO, Claudete Nascimento. **Os olhares a Fortaleza de São José: Do tombamento (1950) aos dias de hoje (2001)**. Campinas, SP, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História cultural. In: Cardoso, Ciro Flamarion. Vainfas, Ronaldo (org). **Domínios da História: Ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997

VENERA, Raquel Alvarenga Sena. A construção de um dispositivo teórico de interpretação da Análise do discurso: possibilidades nas pesquisas educacionais sobre juventudes. In: Venera, Raquel. Campos, Rosânia. (org). **Abordagens Metodológicas primeiras aproximações**. Joinville/SC: UNIVILLE, 2012. p.129-149.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente: Significando a identidade étnica do negro amapaense**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.